

SOBRE OS 90 ANOS DO ENSINO PROFISSIONALIZANTE

Leonardo de Vasconcellos Silva

Designer, Coordenador do Centro de Memória Fotográfica de Campos,
Professor do CEFET Campos

*O Brasil de ontem saiu das academias,
o Brasil de amanhã sairá das oficinas.*

Nilo Peçanha

As **Escolas de Aprendizes Artífices**, criadas através do Decreto nº 7566 de 23 de setembro de 1909, tinham como filosofia de trabalho proporcionar

*às classes proletárias os meios de vencer
as dificuldades sempre crescentes da luta
pela existência ...*¹

As classes proletárias, mencionadas no texto do decreto, representavam a camada da sociedade oriunda predominantemente do trabalho escravo e das atividades agrícolas. Dar educação, e principalmente ocupação a essa gente, passa a ser, mais que uma meta, uma necessidade. Nada mais compreensível, portanto, que as Escolas fossem implantadas nas capitais dos Estados – cidades com maior capacidade de absorção de mão de obra e destino certo daqueles que, provenientes da escravidão e das atividades rurais, buscavam novas alternativas de empregabilidade nos espaços urbanos em processo de expansão. As opções de emprego nas capitais, assim como nas cidades de maior porte, tornam-se concretas principalmente a partir do crescimento das indústrias e do comércio. A agricultura, após sofrer um duplo revés com a perda da mão-de-obra escrava e com o acelerado processo de urbanização que se segue ao advento da República, começa a dar sinais de debilidade.

O êxodo rural trouxe para as cidades um enorme contingente de trabalhadores não qualificados acompanhados de suas proles. Por não serem absorvidos pelo mercado, vagavam pelas ruas centrais em busca de alguma atividade informal que lhes pudesse trazer sustento. Esses “desocupados” (a exemplo do que atualmente ainda ocorre com a população de rua) promoviam todo tipo de baderna, afugentando do comércio mais refinado os clientes de maior potencial. Pressionados por industriais e comerciantes – financiadores das campanhas políticas –, as autoridades passam a vislumbrar na educação uma alternativa para resolver simultaneamente a questão social e a política. Para que isso ocorra

*... se torna necessário não só habilitar
os filhos dos desfavorecidos da fortuna,
com o indispensável preparo técnico e
intellectual, como fazê-los adquirir hábitos
de trabalho profícuo que os afastará da
ociosidade ignorante, escola do vício e do
crime.*²

É lógico deduzir que a necessidade de tirar das ruas essa parcela da sociedade é um forte argumento, não oficial, em favor da criação das **Escolas de Aprendizes Artífices**.

O ensino profissionalizante tem início em Campos antes mesmo do Decreto de 1909. Em 1906, com Nilo Peçanha ainda na Presidência do Estado do Rio de Janeiro (no início do século o cargo de Governador recebia esse tratamento), foi implantado na cidade o **Instituto Profissional** para funcionar no mesmo prédio da rua Formosa que sediou no século XIX a

estação da Estrada de Ferro Campos-S. Sebastião. A idéia surgiu numa assembléia ocorrida nos salões da Associação Comercial, tendo partido do Vereador Thiers Cardoso e de outros incentivadores do ensino a iniciativa da proposta.

Ao assumir a Presidência da República, Nilo Peçanha promulga o decreto que criava as Escolas de Aprendizes Artífices, sediadas nas capitais de cada Estado da federação. Excepcionalmente a do Estado do Rio de Janeiro seria instalada em Campos, pois questões políticas fizeram com que o então Governador do Estado do Rio naquela época negasse a cessão de um prédio onde a escola pudesse se estabelecer em Niterói. A compreensão do benefício que significaria para a cidade a criação de uma instituição com aquele perfil fez com que a Câmara de Vereadores de Campos, presidida pelo Dr. João Antônio de Oliveira Guimarães, colocasse agilmente à disposição do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio³ através da Deliberação nº 14 de 13 de outubro de 1909, o próprio municipal da rua Formosa (que atualmente abriga a Faculdade de Direito de Campos) para sediar a nova **Escola de Aprendizes Artífices**, em substituição ao Instituto Profissional.

No dia 23 de janeiro de 1910 a Escola entra em pleno funcionamento, tendo sido a nona da rede a ser criada no Brasil. Não foi necessário esperar muito tempo para que demonstrasse seu potencial. Logo no ano seguinte, em 1911, obtém reconhecimento fora do país ao participar da **Esposizione Internazionale Delle Industrie e Del Lavoro** em Turim, Itália, conquistando várias medalhas que atestam a qualidade dos artefatos produzidos por seus jovens aprendizes.

Em 1920 o Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio cria a **Comissão Luderitz**, assim denominada por ter no seu comando o conceituado educador João Luderitz, Diretor do Ensino Industrial. O trabalho realizado pela Comissão também ficou conhecido como **Serviço de Remodelação do Ensino Profissional**, que em muito contribuiu para a reestruturação do ensino profissionalizante ao promover a ampliação do currículo, a publicação

de obras didáticas específicas, a capacitação do professorado, a melhoria das instalações, do conteúdo e dos equipamentos escolares. Favorecia-se dessa maneira a formação da mão-de-obra necessária à industrialização do País.

A Revolução de 1930, liderada por Getúlio Vargas, depõe o Presidente Washington Luiz – e ao assumir o poder deixa claros seus anseios de mudança. A criação de novas normas de ensino ajuda a modernizar o setor educacional. Getúlio estabelece o papel que pretende ver desempenhado pelo ensino profissionalizante ao afirmar:

A instrução que precisamos desenvolver, até o limite extremo das nossas possibilidades, é a profissional e técnica. Sem ela, sobretudo na época caracterizada pelo predomínio da máquina, é impossível o trabalho organizado.⁴

O ano de 1942 marca uma das mais profundas reformas no ensino profissionalizante, pois as Escolas de Aprendizes Artífices, de nível primário, são transformadas em **Escolas Industriais e Técnicas**, equiparando-se às de ensino médio e secundário e possibilitando aos alunos o ingresso em cursos superiores correlatos. A **Lei Orgânica do Ensino Industrial**, criada através do Decreto-Lei nº 4073 em 30 de janeiro de 1942 com o objetivo de promover tais reformas, tem na figura do educador Francisco Montojos um dos seus maiores artífices.

Para suprir as demandas do mercado de trabalho tornava-se cada vez mais importante a formação de profissionais especializados: a industrialização do país requer uma crescente formação de mão-de-obra. As limitações físicas e de infra-estrutura da sede da rua Formosa remetem à necessidade de uma nova área com proporções que permitissem acompanhar o progresso em curso. Devemos a obtenção do terreno do Parque Dom Bosco, onde hoje se encontra instalado o CEFET Campos, ao empenho do incansável Deputado Teotônio Ferreira de Araújo que, num discurso pronunciado na Assembléia Legislativa Fluminense, convenceu seus pares da

importância que teria, não só para a cidade como para o Estado, a evolução deste nosso tradicional estabelecimento de ensino. É importante que se ressalte nesse episódio o indispensável interesse do Governador Edmundo de Macedo Soares e Silva e a clarividência do Presidente da República, Eurico Gaspar Dutra.

O governo Juscelino Kubitschek insere o Brasil definitivamente na era industrial. A vinda de montadoras de veículos para cá, as companhias siderúrgicas, os estaleiros e a proliferação de indústrias fazem com que esse tipo de atividade ocupe um importante espaço em nossa economia. Com o objetivo de ajustar o ensino industrial (mantido pelo Governo Federal) à situação do país e às novas constituições, é publicada a Lei nº 3552, de 16 de fevereiro de 1959, regulamentada em 16 de outubro do mesmo ano pelo Decreto nº 47.038. Surgem nessa data as Escolas Técnicas Federais.

O Decreto que regulamentou a Lei recebeu do Ministro da Educação e Cultura, Clóvis Salgado, a seguinte exposição de motivos:

*A necessidade dessa reorganização decorreu da circunstância de haver a anterior Lei Orgânica do Ensino Industrial, de 1942, perdido seu original poder regulador nas várias unidades federadas, após a promulgação da Constituição Federal vigente e das atuais Constituições Estaduais.*³

Colocar as escolas da rede federal em condições de preparar seus alunos para ingressar no mercado de trabalho, adaptar o ensino às constantes evoluções das indústrias e descentralizar a administração dessas escolas foram outras justificativas empregadas pelo Ministro em defesa da nova Lei. Especificamente no que se refere à administração escolar, a Lei nº 3552 determina que a direção dos estabelecimentos de ensino industrial deve ser entregue

a um Conselho de Representantes, escolhidos pelo Presidente da República em listas triplíplex, encaminhada pelo Ministério da Educação e Cultura,

*cabendo ao Presidente do Conselho nomear o Diretor da Escola e seu órgão executivo. Desse conselho participam dois industriais, com o que se visa a estreitar mais a associação escola-fábrica, de forma que os diplomados pela primeira atendam, afetivamente, as necessidades da segunda, parecendo certo, ainda que a referida providência ensejará maiores facilidades para a obtenção de estágios previstos no regulamento. Participará um representante do Conselho de Professores, porque, sendo este colegiado o órgão de direção técnico-pedagógico, pareceu acertado entrosá-lo mais eficazmente com o organismo dirigente da escola. A presença de um educador estranho aos quadros do estabelecimento visa a permitir que a consideração dos altos interesses da educação nacional não sofram uma distorção excessivamente particularista. A inclusão, quando possível de representante do Conselho de Engenharia e Arquitetura (ou, no caso do Curso de Química Industrial, do Conselho de Química) possibilitará solução mais rápida e feliz dos problemas de exercício profissional dos graduados.*⁴

A descentralização, a criação dos órgãos colegiados, e sobretudo a autonomia com base no Conselho de Representantes, foram medidas inspiradas na organização escolar americana, como uma consequência da influência dos Estados Unidos da América – que passou a ser uma constante no Sistema Escolar Brasileiro, após a Segunda Guerra Mundial. Essa influência se fez sentir nas Escolas Técnicas da rede federal através da ação da Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial (CBAI), órgão executivo do acordo firmado entre o Ministério da Educação e Saúde e a *Education Division – The Institute of Inter-American Affairs*.

Em 1966, passa a existir na Escola Técnica Federal de Campos o segundo ciclo do Ensino Técnico, com a criação dos cursos de Edificações, Eletrotécnica e Mecânica de Máquinas.

Depois de ter suas obras interrompidas inúmeras vezes e de ter servido como abrigo para os flagelados da grande cheia do rio Paraíba em 1966, finalmente são inauguradas, no dia 18 de

março de 1968, as novas instalações da Escola Técnica Federal de Campos na Rua Dr. Siqueira. No mesmo ano é criado o curso de Estradas e, para ampliar a oferta de vagas aos alunos que também trabalhavam, passa a funcionar o curso noturno

Por exigência da Lei 5692, de 11 de agosto de 1971, todos os cursos de segundo grau teriam, obrigatoriamente, que oferecer a formação profissional aos seus alunos. Em decorrência dessa exigência, diversos estabelecimentos de ensino da cidade de Campos buscam, através de convênio, o sistema de intercomplementaridade com a Escola Técnica Federal de Campos.

Em 1994, no término do governo do Presidente Itamar Franco, as Escolas Técnicas Federais são transformadas, através da Lei nº 8948, de 8 de dezembro, em Centros Federais de Educação Tecnológica. Porém, somente em 1999, após longo período de avaliação institucional, apenas 6 unidades da Rede Federal de Ensino são autorizadas a oferecer também cursos a nível de 3º grau. O **Centro Federal de Educação Tecnológica de Campos** (CEFET Campos) é implantado através de Decreto no dia 18 de janeiro do mesmo ano em que irá completar seu 90º aniversário.

Referências Bibliográficas

- [1] Cinquentenário da Escola Técnica de Campos (1909-1959). Campos: ETC, 1959.
- [2] MONTOJOS, Francisco. Ensino Industrial. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1949.
- [3] RODRIGUES, Hervé Salgado. Campos: na Tabca dos Goytacazes. Niterói: Imprensa Oficial, 1988.
- [4] SOUSA, Horacio. Cyelo Aureo: História do 1º Centenário de Campos. Campos: Escola de Aprendizes Artífices, 1935.
- [5] VASCONCELOS, Itamar de Abreu. Do Artífice ao Técnico: Subsídios para a História da Escola Técnica Federal de Pernambuco. Recife: ETFPE, 1991.

Notas

- [1] Texto do Decreto nº 7566 de 23 de setembro de 1909.
- [2] Texto do Decreto nº 7566 de 23 de setembro de 1909.
- [3] Órgão ao qual estava na época subordinado o ensino profissionalizante.
- [4] Citação in "Artífice".
- [5] Exposição de motivos que acompanhou o Decreto regulamentando a Lei nº 3552 de 16 de fevereiro de 1959.
- [6] Texto da Lei nº 3552 de 16 de fevereiro de 1959.

Fotografias

Todas as fotografias que ilustram esse artigo fazem parte do acervo do **Centro de Memória Fotográfica de Campos/CEFET Campos**, à exceção da fotografia número 30, realizada pela aluna da **Oficina de Fotografia** Manuela Mignot Cordeiro.

Legendas

- Foto 1** – Fachada principal da **Escola de Aprendizes Artífices** na rua Formosa. A foto de 1910 mostra o primeiro grupo de alunos e o primeiro Diretor, **José Antenor Pereira Nunes**.
- Foto 2** – Grupo de alunos, observados por professores e mestres, na **hora da merenda**. C. 1920.
- Foto 3** – Grupo de alunos no **refeitório** da Escola de Aprendizes Artífices. C. 1930.
- Foto 4** – O diretor **Paulo Pereira de Araújo**, acompanhado pelos **funcionários** da Escola. 1935.
- Foto 5** – Os alunos de **classes menos favorecidas** encontravam na Escola a oportunidade para aprender um ofício e garantir seu futuro. C. 1935.
- Foto 6** – A Escola de Aprendizes Artífices, antiga estação da Estrada de Ferro Campos-S. Sebastião, passa por uma reformulação arquitetônica radical,

adotando o estilo neogótico manuelino. **Trabalhadores não qualificados** vagavam pela rua Formosa acompanhados de suas proles. C. 1935.

Fotos 7, 8, 9 e 10 – As diferentes oportunidades de absorção de mão-de-obra levavam os alunos a cursos como tipografia, alfaiataria, mecânica e modelagem. C. 1940.

Foto 11 – Orientados pelo mestre sapateiro, os **jovens alunos** aprendem as diferentes etapas para a confecção de um calçado. C. 1940.

Foto 12 – Alunos fardados desfilam com garbo e orgulho durante a **parada de 7 de setembro**. Ao fundo a lateral do antigo prédio, hoje demolido, da Santa Casa de Misericórdia, voltado para a Beira-Rio. C. 1950.

Foto 13 – Um dos grandes motivos de orgulho da Escola, a **Banda Marcial** desfila na Praça de S. Salvador em frente à Catedral ainda inacabada. C. 1935.

Fotos 14 e 15 – Saguão principal da Escola decorado pelo mestre modelador Mario Ghizi e seus alunos, com elementos alusivos à indústria. C. 1937.

Fotos 16, 17, 18 e 19 – A industrialização requer o auxílio de máquinas de maior porte na execução das tarefas. Alunos de fundição observados pelo mestre Agnelo Joaquim de Oliveira, de marcenaria pelos mestres Adalberto Fritsch Duncan e Gottschalk Azevedo, de tornearia e fresagem pelos mestres Elcio Peralva e Celso Andrade, e de serralheria e ajustagem pelo mestre Celso Andrade. 1953.

Foto 20 – A necessidade de ampliar a oferta de vagas e a criação dos novos cursos técnicos exigem o crescimento da Escola Técnica Federal de Campos. Esta é a principal justificativa para a **construção da nova Escola** no Parque Dom Bosco. 1966.

Foto 21 – A exigência da participação de

professores que garantissem o funcionamento dos novos cursos, surgidos com a evolução industrial, fez com que profissionais liberais recebessem da Escola o convite para participar do seu corpo docente. Para viabilizar essa participação, a Escola Técnica, em convênio com a CETEG, realizou o primeiro **Curso de Formação de Professores de Disciplinas Específicas para o Curso Técnico**. 1967.

Foto 22 – Com método e vontade de aprender, nenhuma tarefa é impossível. **Alunos deficientes visuais** tendo aula prática de mecânica de automóveis com o Prof. Hélio Mascarenhas. 1969.

Foto 23 – Convênios e acordos internacionais possibilitaram o ingresso da Escola Técnica no sofisticado mundo da alta tecnologia. O **moderníssimo laboratório de física**, inaugurado em 1970, já dispunha de aparelho de raio laser e gerador de Van Der Graaf. A fotografia é do dia da inauguração do laboratório.

Foto 24 – A participação conjunta de professores e alunos garantem o sucesso para a tarefa executada. Os Professores João Pereira de Almeida e Edmea Caldas Silva orientam o **vazamento de uma fundição**. C. 1978.

Foto 25 – A brilhante participação dos atletas nas mais diferentes modalidades esportivas foi uma constante na vida da Escola. O empenho dos atletas sempre foi proporcional à paixão com que professores e treinadores se entregaram ao trabalho. 1971.

Foto 26 – Como forma de incentivar a participação dos alunos na vida esportiva da Escola, foi construído um moderno **Ginásio de Esportes**. 1972.

Foto 27 – A criação da **Semana do SABER . FAZER . SABER** em 1987 permite

uma maior proximidade com a comunidade externa. A retomada das antigas feiras da Escola de Aprendizes Artífices é o ponto culminante do processo ensino-aprendizagem quando os alunos supervisionados pelos professores orientadores apresentam os projetos desenvolvidos no decorrer do ano letivo. 1988.

Foto 28– A Escola Técnica Federal de Campos, numa prova inequívoca de que está pronta para **acompanhar as mudanças** impostas pelos novos tempos, democratiza o acesso ao saber através da informática. A foto mostra a inauguração das novas salas de informática e do sistema de empréstimo na biblioteca, contando com a presença do Secretário Estadual de Ciência e Tecnologia Elói Fernandez y Fernandez e do Ministro da Educação Paulo Renato de Souza. 1995.

Foto 29– A exemplo do que ocorreu quando foram criados os cursos técnicos, para a Escola alcançar a tão almejada transformação em **Centro Federal de Educação Tecnológica de Campos (CEFET Campos)** diversas etapas tiveram que ser vencidas. Uma delas, o crescimento da área construída para receber os novos Cursos de 3º Grau, foi vencida graças à construção do novo prédio da rua Barão da Lagoa Dourada. O evento que marcou a inauguração do novo espaço foi a exposição de inventos do grande pintor italiano Leonardo da Vinci. 1998.

Foto 30– A **humanização dos espaços de convivência** no interior do CEFET e a construção de novas áreas para a prática esportiva, a exemplo de um *campus* universitário, são estímulos a mais para que o alunado permaneça por um tempo maior no seu local de estudo. 1999.



▲ FOTO 1

FOTO 3 ►►

FOTO 2 ▼

FOTO 4 ►►





▲ FOTO 5



FOTO 6 ►►

◀◀ FOTO 7



FOTO 8 ►►



FOTO 9 ▼▼



▲ FOTO 10

FOTO 12 ▼▼



FOTO 11 ►►





▲ FOTO 13



FOTO 14 ►►



▲ FOTO 15



FOTO 16 ▼▼

▲ FOTO 17

FOTO 18 ▼▼



▲ FOTO 21

▲ FOTO 19

FOTO 20 ►►





▲ FOTO 22

FOTO 23 ▼



▲ FOTO 24

◀ FOTO 25

FOTO 26 ▼



◀ FOTO 27

FOTO 28 ▶▶



FOTO 29 ▼

FOTO 30 ▼

